

## **Homens de letras e cidade: espaços de sociabilidade intelectual na cidade do Natal (1889-1930)**

MAIARA JULIANA GONÇALVES DA SILVA \*

O presente artigo tem como objetivo discutir os espaços frequentados pelos homens de letras da cidade do Natal nas primeiras décadas do século XX. Cafés, livrarias, redações de jornais, tipografias, conferências, salões, agremiações literárias... Esses são alguns exemplos de ambientes que serviram de ponto de encontros e abrigaram inúmeras reuniões de homens que praticavam atividades literárias no Brasil. Esses espaços multiplicaram-se acompanhando um movimento de transformações físicas, culturais e sociais no fim do século XIX e no início do século XX. Desde o Segundo Reinado, podemos verificar o desenvolvimento de atividades intelectuais no Brasil. Entretanto, foi no fim do século XIX que esses movimentos intensificaram-se, resultando em uma maior atuação desse grupo na sociedade e nos espaços da cidade. No interior desses ambientes, grupos de intelectuais trocavam experiências, elaboravam, discutiam, divulgavam e faziam circular suas ideias e projetos, bem como, forjavam a formação de uma identidade de grupo, uma vez que tais espaços ratificavam as relações sociais existentes.

Na historiografia brasileira, como um todo, foram poucas as produções que se inclinaram especificamente para os estudos dos espaços de sociabilidade. Na maioria das vezes, as pesquisas que abordam tais ambientes de encontros intelectuais possuem como foco principal de análise a trajetória biográfica de algum indivíduo ou o estudo de projetos culturais desenvolvidos por determinados grupos de literatos. No entanto, é pertinente a construção de perspectivas que abordem acerca dos lugares de sociabilidades de literatos, uma vez eles atuam como condições para a elaboração intelectual. Seu estudo auxilia-nos a compreender melhor e que modo constitui-se uma dinâmica dos intelectuais, ou seja, as relações de afinidade ou de conflitos desenvolvidas dentro do pequeno mundo intelectual, as condições sociais da produção cultural e os vínculos com outros campos – como, por

---

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em que desenvolve a pesquisa intitulada “Homens de letras na cidade do Natal (1889-1930), orientada pelo prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais. Bacharel em História na mesma instituição. Bolsista CAPES. Contato: [maiara\\_juliana@yahoo.com.br](mailto:maiara_juliana@yahoo.com.br)

exemplo, o campo político. Daí a importância do desenvolvimento de perspectivas que contemplem uma história dos espaços de sociabilidades intelectuais.

A elaboração de uma análise acerca dos espaços de sociabilidade intelectual está articulada aos estudos inseridos no campo de História dos Intelectuais – desenvolvida apenas na década de 1970. No que concerne aos estudos da História dos Intelectuais no Brasil, percebemos que até a década de 1970, não há uma exploração da história intelectual brasileira. Segundo a historiadora Rebecca Gontijo, as décadas de 70 e 80 foram anos estimulantes para produções acerca dos estudos dos intelectuais, fazendo florescer pesquisas nas mais variadas ciências. Provavelmente, as pesquisas no Brasil acompanharam os movimentos da historiografia dos intelectuais nos demais países, entre eles – e, privilegiadamente – a França.

Logo, o estudo dos intelectuais pode enveredar pelas mais variadas abordagens: análise de trajetórias biográficas, abordagem acerca das gerações de grupos de intelectuais existentes, elaboração de um exame crítico sobre projetos culturais e políticos, análise das relações constituída entre o campo intelectuais e demais campos – político, religioso –, entre outras perspectivas. Desse modo, preferimos atentar para um estudo da vida literária na cidade do Natal optando por contemplar a História Intelectual por meio dos estudos dos espaços de sociabilidade, uma vez que esse tipo de abordagem aponta caminhos interessantes de investigação. Acreditamos que, no estudo dos intelectuais é preciso voltar-se para os lugares, os meios e as redes de sociabilidade, de modo a tentar-se compreender os intelectuais nas suas circunstâncias de produção e atuação.

Podemos aferir que nos primeiros anos do século XX, a cidade de Natal experimentava um movimento de mudanças tanto físicas como culturais. O movimento literário, já iniciado ainda nos anos do Império, vinha consolidando-se na capital do Rio Grande do Norte. Com o entusiasmo no âmbito cultural durante as três primeiras décadas do século XX, os intelectuais potiguares iam ocupando os espaços da cidade, passando a atuarem em redações, tipografias, agremiações literárias, conferências, salões literários, entre outros ambientes que proporcionavam trocas e debates no campo da literatura produzida na cidade durante o período ora em apreço. O presente artigo encontra-se estruturado em dois momentos. No primeiro, contemplamos a discussão do conceito de sociabilidade e acerca de

alguns estudos dos espaços de sociabilidade existentes na historiografia norte-rio-grandense. No que respeita as perspectivas de estudo da historiografia local, elegemos as seguintes produções: *Natal também civiliza-se*, da historiadora Márcia Marinho; *Belle Époque na esquina*, elaborada pelo crítico literário Tarcísio Gurgel. No segundo momento, apresentaremos uma discussão no que diz respeito aos espaços onde se reuniam os homens de letras da cidade do Natal durante a Primeira República. Visando aprofundar a discussão, elencaremos dois dos diversos ambientes considerados o “reduo dos literatos potiguares no início do século XX” na cidade, a saber: café *Magestic* e a *livraria Cosmopolita*.

### Uma análise do conceito e perspectivas da historiografia norte-rio-grandense

O meio intelectual no Brasil, no final do século XIX e décadas iniciais do século XX, constitui um pequeno mundo estreito, onde os laços atam-se. Os espaços de sociabilidades consistem, por excelência, nesse pequeno mundo estreito no qual os intelectuais vinculam-se uns aos outros, por uma série de laços e afinidades, em torno de lugares de sociabilidade. Entender os espaços que serviram de encontros, reuniões e aglutinações para a intelectualidade de um dado lugar e de uma dada época conduzem-nos a aceção de sociabilidade de Jean-François Sirinelli. Esses movimentos de encontros dos intelectuais são identificados pelo estudioso francês como um tipo de *estrutura organizacional (elementares)* de sociabilidade que varia conforme épocas e subgrupos estudados e pode, ainda, ser identificada a partir de dois conceitos: *rede organizacional* e *microclima*.

De acordo com Sirinelli, “todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (SIRINELLI, 2003:246). Logo, tais estruturas elementares de sociabilidade consistem em um observatório, de primeiro plano, da sociabilidade de *microcosmos* intelectuais<sup>1</sup> e ainda um lugar precioso para a análise do movimento das ideias (SIRINELLI, 2003:249), uma vez que se trata de ambientes que proporcionam a fermentação intelectual –

---

<sup>1</sup> Jean – François Sirinelli dialoga com a perspectiva de Pierre Bourdieu. O *microcosmo* pertence à lógica relacional construída por Bourdieu para discutir o espaço social dos produtores culturais. De acordo com o autor, o *microcosmo* insere-se dentro do espaço social apresentando suas leis e estruturas próprias, o que contribuiu para a sua especificidade. Ver: BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: papirus, 2011. 11 ed. p.15.

elaboração, discussão e difusão de ideias –; o desenvolvimento de relações afetivas, tais como: afinidade, lealdade, apadrinhamentos; e, sobretudo, a formação de identidade e pertencimento a um grupo.

Para a historiadora Rebecca Gontijo, as *redes* de sociabilidade alimentam os *microclimas* ou seja, meios aos quais as atividades e comportamentos dos intelectuais desenvolvidas constituem um microcosmo particular. Ainda que, o termo *microclima* seja uma noção específica utilizada pela literatura, ainda assim, podemos utilizá-lo a fim de atentar-se para as sensibilidades envolvidas na constituição desses grupos nesses espaços. “A atração, a amizade e os afetos, assim como a hostilidade, a rivalidade e o rancor desempenham um papel importante no mundo intelectual” (GONTIJO, 2005:262).

Desse modo, o *microclima* torna os espaços de sociabilidades intelectuais não apenas ambientes físicos, como também, afetivos. A palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de duas noções, que são a de *redes*, que estruturam, e a de *microclima*, que caracterizam um *microcosmo* intelectual. Portanto, as perspectivas de espaço que serão elencadas nesse artigo contemplam as perspectivas de espaços de sociabilidade intelectual desenvolvida por Sirinelli e Gontijo.

Após discutir brevemente a noção de sociabilidade, aqui contemplada, e suas implicações, voltamos-nos para as produções na historiografia norte rio-grandense. Na historiografia local não há estudo algum que tenha se inclinado, resolutamente, para os estudos acerca do espaço de sociabilidade intelectual. Tanto no campo da História, como no campo da Literatura, essa é uma perspectiva praticamente pouco explorada. Desse modo, optamos por trazer, para a discussão desse artigo, duas produções que teceram algumas questões próximas da temática ora abordada. Destacamos as obras do crítico literário Tarcísio Gurgel, *A Belle Époque na Esquina: o que se passou na República das Letras* (2009) e *Natal também civiliza-se* (2011), da historiadora Márcia Marinho<sup>2</sup>.

Em 2006, Tarcísio Gurgel dos Santos elaborou sua tese de doutorado para o Programa de Pós-Graduação em Estudos em Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O objetivo do autor é contemplar o clima de produção cultural durante o que o autor

---

<sup>2</sup> As obras do crítico literário Tarcísio Gurgel e da historiadora Márcia Marinho foram elencados neste artigo, por comporem o pequeno universo de estudos locais que mencionam os espaços de sociabilidade intelectual existentes na cidade do Natal durante a Primeira República.

aponta como *Belle Époque* em Natal. Gurgel aborda a cultura do estado do Rio Grande do Norte no período compreendido entre a instalação da República e as décadas 1920, sistematizando uma trajetória do “surto” de escritores, poetas, ensaístas e cronistas que acompanhavam as transformações urbanísticas desenvolvidas no espaço natalense. Em seu estudo, Tarcísio Gurgel explorou um conjunto de documentos variados: folhetos, jornais, revistas e, sobretudo, antologias. A documentação permitiu ao crítico literário reconstruir a vida literária no estado a partir da vida e produções de grandes homens norte rio-grandense. Logo, sua produção, ainda que esteja inserida no campo da Literatura, contribuiu para preencher as lacunas no que diz respeito à vida cultural local no início do século XX.

Gurgel explorou as articulações entre a política e a atividade litero-jornalística na cidade durante o período de produção do campo artístico e literário. Publicada como livro no ano de 2009, em *Belle Époque na esquina*, o autor observa a cidade de Natal na República Velha como cenário onde predominavam as “elites” literárias, jornalísticas e políticas e de vida intelectual desenvolvida a partir de 1894 (GURGEL, 2009:45). Gurgel articula o “pequeno estreito mundo” intelectual à “elite natalense”. No entanto, fica a impressão que o autor apenas relaciona a atividade intelectual na cidade a grupos de jovens literatos que cercavam os grupos dominantes, excluindo, dessa forma, os “aspirantes a escritores” que buscavam obter consagração e reconhecimento por meio das colaborações nos periódicos e pequenas agremiações que existiam na cidade do Natal<sup>3</sup>.

Desse modo, Tarcísio Gurgel atribui um pequeno capítulo a cada nome de sua produção, construindo assim uma narrativa sobre o âmbito cultural do Rio Grande do Norte ligado às trajetórias de indivíduos. Logo, o autor encerra uma pesquisa que elenca apenas intelectuais inseridos e, provavelmente, a serviço de um projeto político desenvolvido pelo grupo social dirigente de Natal, silenciando a colaboração e produção de “pequenos escritores” que se encontravam à margem dessa relação entre intelectuais e poder. O crítico literário menciona, vagamente, os espaços de sociabilidades ligados às trajetórias desses intelectuais destinados aos seus encontros, entre eles: o bilhar *Potiguarânia* e o Palácio do Governo. Embora que por meio de uma breve menção no tocante à temática, percebemos que

---

<sup>3</sup> Segundo Wanderley, Palmira Wanderley, Antônio Marinho, Abner de Britto, Murilo Aranha, Henrique Castriciano, Manoel Dantas, Luís da Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Antônio de Melo e Souza e Erasmo Xavier são os nomes de escritores que foram elencados na obra de Tarcísio Gurgel.

os espaços de sociabilidade intelectuais apresentados na abordagem do autor possuíam duas conotações: a de fortalecimento do mecenato, que partia do Palácio do Governo, e a de pontos de encontros, em alusão ao Potiguarânia e as agremiações literárias. Enquanto, no primeiro, desenvolver-se-iam as atividades de trocas entre os *campos político e literário*<sup>4</sup>; no segundo, tais espaços abrigavam ponto de encontros entre os intelectuais. Assim sendo, optando pela perspectiva que conecta os literatos ao grupo social dirigente do estado, o autor não atenta para os demais espaços de sociabilidades intelectuais existentes, ou, como bem aponta Brito Broca, “os espaços de sociabilidades intelectuais alternativos para aqueles que estavam à margem desses tipos de relações” (BROCA, 2005:302).

A segunda produção local, *Natal também civiliza-se*, assim como *Belle Époque na Esquina*, é uma produção recente. Publicado em 2011, a obra é fruto de uma dissertação elaborada no Programa de Pós-Graduação em História, também na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na perspectiva histórica, a autora reconstrói aspectos da vida social dos grupos urbanos na cidade do Natal nas três primeiras décadas do século XX. Márcia Marinho acompanha o surgimento de novas formas de agrupamento concomitantemente às mudanças cotidianas ocorridas na cidade. Desse modo, o foco central da obra consiste nas novas formas de organização social do que a autora intitula “a elite natalense”, elencando os seguintes espaços de sociabilidade: os clubes, os cafés e as práticas esportivas; instituições dedicadas ao lazer de um grupo social dirigente natalense.

Entretanto, a historiadora não se limita a identificar as sociabilidades e lazer que vigoravam na capital do estado, mas Marinho também estabelece uma relação entres essas maneiras de sociabilidade e a ocupação do espaço da cidade. No que diz respeito à documentação explorada, a historiadora utilizou principalmente alguns jornais do início do século XX – *A República*, *o Diário do Natal*, *Gazeta do Comércio*. As crônicas, colunas e notícias nas páginas dos mencionados periódicos proporcionaram um vislumbamento da dinâmica do grupo dominante do estado e suas formas de associação. Na perspectiva da historiadora, opta por elencar espaços de sociabilidade frequentados pela “elite” da cidade: *o teatro Carlos Gomes*, o colégio secundarista *Atheneu Norte-Rio-Grandense*, *o Instituto*

---

<sup>4</sup> Dialogamos aqui com as noções de *campo político e literário desenvolvidas pelo sociólogo Pierre Bourdieu, consultar: BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas/SP: papirus, 2011. 11 ed. p.15.*

*Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; a Escola Doméstica; o Recreio Juvenil; o Potyguarânia; o Natal Club; Club de Tiros de Guerra de Natal; o Natal Sport Club; e o Aero Club.* Segundo a autora,

*Essas instituições não eram apenas lugares de circulação de ideias, eram lugares em que as elites se encontravam, onde seus jovens membros se formavam, onde suas ideias eram divididas, as amizades seladas, enfim, eram espaços de plena sociabilidade (MARINHO, 2011:88)*

A importância de sua obra para a presente análise consiste na iniciativa pioneira da historiadora no que diz respeito à realização de um mapeamento e exame crítico dos espaços destinados à sociabilidade na historiografia local. Todavia, no estudo dos espaços de sociabilidade da cidade do Natal, como podemos perceber, a autora apenas privilegia as novas formas de agremiações do grupo social dirigente. Os espaços de sociabilidade elencados pela autora dizem respeito apenas a alguns grupos urbanos de alguma condição econômica e social. No entanto, a dificuldade da historiadora em explorar os espaços que serviam de sociabilidade a outros grupos sociais em Natal justifica-se pela precariedade da documentação, tanto no que diz respeito à possibilidade de conhecer-se mais a fundo as divisões existentes na sociedade natalense, quanto à possibilidade de identificar os frequentadores desses ambientes. A historiadora também não atenta para a existência de conflitos e exclusões dentro desses espaços de sociabilidade, uma vez que os compreendem, somente, como instituições de agregação social destinadas a novas maneiras de diversão, de usufruto dos espaços públicos, que deram uma nova dinâmica à cidade do Natal.

Como podemos perceber a sociabilidade não se constitui como tema da historiografia local, o que justifica a brevidade na abordagem de produções que, em algum momento de sua perspectiva, mencionaram a temática. A historiografia local voltou-se para a história dos grandes homens, da política e da administração norte rio-grandense, em que o espaço de sociabilidade apenas é referido como um tema menor. Desse modo, foi pensando nessas lacunas que o presente artigo contempla uma análise sobre os espaços de sociabilidade intelectual na cidade do Natal durante a República Velha.

**Um estudo sobre espaços de sociabilidades intelectuais na cidade do Natal**

No período ora abordado, não existia na cidade uma academia literária voltada para os interesses dos escritores natalenses<sup>5</sup>. Logo, desprovidos de um centro organizacional oficial de homens que se ocupavam das letras, os pontos de encontros de intelectuais encontravam-se dispersos pela cidade do Natal. Durante a Primeira República, identificamos a atuação desses grupos de intelectuais nos novos espaços urbanos emergentes na capital: redações, tipografias, cafés, clubes, salões residenciais e livrarias. Ao analisarmos a dinâmica da vida literária da cidade do Natal identificamos alguns ambientes na cartografia citadina no qual foram pontos de encontros de poetas, cronistas, romancistas, jornalistas e trovadores.

O primeiro ambiente de reunião, de que temos notícia, consiste no salão literário de dona Isabel Gondim, datado ainda do século XIX. O salão literário da professora das primeiras letras, Isabel Albuquerque Gondim, é descrito por Wanderley como ambiente em que sediava noites de reunião animadas por recitais de sonetos românticos ao som de serenatas que aglutinavam médicos, bacharéis, intelectuais, funcionários públicos e professores (WANDERLEY,1984:30). Na vida cultural da cidade do Natal identificamos a presença de outros espaços que se destinavam a servir de ponto de congruência dos escritores da terra, tais como: o bilhar Potiguarânia, “reduto de poetas e jornalista da cidade” (GUIMARÃES, 1952:153) da rua Vigário Bartolomeu, número 02, instalado desde 19 de julho de 1894; as serenatas realizadas por poetas e trovadores “pelas ruas rua do Fogo, no Beco Novo e na rua dos Tocos” (GUIMARÃES, 1952:121); o Natal Clube, o “clube mais chic de Natal” (MARINHO,2011:21), sede das conferências literárias ministradas nos primeiros anos do século XX; as reuniões em residências particulares destinadas à discussão de literatura e arte, denominadas “cantões”<sup>6</sup> (MELO, 2006:14) ; e as redações e as tipografias

---

<sup>5</sup> A Academia norte rio-grandense de Letras foi criada, apenas, no dia 14 de novembro de 1936, por um grupo de intelectuais tendo à frente Luís da Câmara Cascudo. A instituição estava voltada para a “cultura da língua, da literatura, ciências e artes”. Seu primeiro presidente foi o escritor Henrique Castriciano. Ao que sabemos, a Academia nasceu das reuniões na residência de Luís da Câmara Cascudo. Para mais informações sobre a história da Academia Norte rio-grandense de Letras, consultar: ONOFRE JR., Manoel. Nossa Academia. In: \_\_\_\_\_. *Conversa na calçada*. Natal/RN: UFRN, 2011. P. 54-57.

<sup>6</sup> Os cantões eram espaços destinados a reunir determinados grupos na cidade. Urbano Hermilo era empregado da Fazenda do Estado. Sua residência, localizada na Rua Nova – atual Avenida Rio Branco – servia de local de

que abrigavam os redatores e produtores dos jornais literários que circulavam pela cidade<sup>7</sup>. Como podemos perceber, na cidade do Natal, já nos últimos anos do século XIX, começavam a insurgir as práticas de encontros estabelecidas pelos homens que se destinavam as atividades de letras na capital e, conseqüentemente, os usos de diferentes espaços da cidade para suprir tal prática. Dentro os diversos pontos de congruência que existiram no período ora abordado, optamos por, nesse artigo, e explorar acerca da livraria *Cosmopolita* e do *Café Magestic*: “pontos de encontros favoritos dos literatos locais” (GUIMARÃES, 1952:88).

A livraria *Cosmopolita* era ambiente de propriedade de Fortunato Aranha, localizada na Rua 13 de Maio, no bairro da Ribeira. Fortunato Rufino Aranha foi personagem que “imprimiu respeito absoluto sem limites” (GUIMARÃES, 1952:89), chegando a ocupar cargos na Intendência Municipal de Natal durante os anos de 1899-1910, 1917-1922, 1926-1930. No âmbito do comércio, Fortunato Aranha tinha destaque com sua livraria. A livraria *Cosmopolita* foi a primeira livraria estabelecida em Natal. Apesar de não sabermos o dia exato de seu estabelecimento, temos conhecimento de que a instalação da livraria é remetida aos fins do século XIX. Já nos primeiros anos do século XX, o livreiro dispunha de um variado sortimento de livros, o que contribuiu para o desenvolvimento da cultura escrita e leitura na cidade do Natal do período Republicano.

De acordo com Renato Marinho, em “Natal, outra cidade!”<sup>8</sup>, Fortunato Aranha deveria ter na livraria *Cosmopolita* um negócio rentável, “tendo em vista que é um dos que figura nas

---

reunião destinado a discussão de arte e literatura. O cantão era frequentado por Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Manoel Dantas e Pinto de Abreu. O bilhar da Potiguarânia, embora seja casa de jogos, também é identificado por alguns cronistas da época como “cantão”. Segundo Melo, cantão contava com a frequência de Uldarico Cavalcanti, Antônio Marinho, Aurélio Pinheiro, Alfredo Carvalho e os irmãos Wanderley (Renato e Segundo). “Cantão de gente moça, trocando ideias sobre jornalismo, artes e letras, tudo quanto nesse momento atraía a atenção da cidade” (2006: 16). Mais informações sobre cantões na República em Natal, conferir: MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de ontem: figuras e fatos de minha geração*. Natal /RN: Sebo Vermelho, 2006.

<sup>7</sup> A pesquisa “Homens de letras na cidade do Natal (1889-1930)”, em andamento, realizada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte produziu um levantamento acerca dos jornais literários potiguares existentes durante a Primeira República. Ao todo, foram contabilizados 58 jornais literários publicados entre os anos de 1889 a 1930, o que corresponde a 58 redações estabelecidas na capital do estado no período mencionado. No que concerne, ao número de tipografias que imprimiam os periódicos dedicados à causa literária, foram contabilizadas 18 tipografias espalhadas pelos bairros da Cidade Alta e Ribeira.

<sup>8</sup> O título refere-se à dissertação “Natal, outra cidade!: o papel da Intendência Municipal no desenvolvimento de uma nova ordem urbana (1904-1929)”, de Renato Marinho, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Marinho produziu uma dissertação acerca do trabalho

listas de maiores contribuintes do município e do Estado. Na lista dos contribuintes do imposto de classe, Fortunato Aranha, ocupa o décimo lugar” (MARINHO, 2012:89). Sua rentabilidade, provavelmente, encontra-se articulada com a variedade de produtos de vendas que podiam ser encontrados em seu estabelecimento comercial. Ao lado dos sortimentos variados de obras escolhidas, o livreiro também comercializava a venda de revistas e jornais publicados em âmbito local e nacional, como também provenientes de países como a França e os Estados Unidos. Quantos às produções de âmbito local, podemos mencionar: a revista do Rio Grande do Norte, as obras literárias *o Hôrto*, da poetisa Auta de Souza, *Mãe e Ruínas*, duas obras que reúnem de poemas de Henrique Castriciano, *Ensaio e crítica literária*, do crítico literário potiguar Armando Seabra<sup>9</sup>. O sortimento do livreiro era complementado pelas revistas de publicações cariocas. A livraria Cosmopolita comercializava também: revista da Academia Brasileira de Letras, Ilustração Brasileira, a Rainha das Modas, Leitura para todos, Revista da Semana, O malho, Jornal do Brazil, e, ainda, a revista novaiorquina a La hacienda, revista restrinada aos interessados do mundo agrícola e publicada em Nova Iorque. Além da venda de revistas, a livraria dispunha também assinaturas dos periódicos. Além do único livreiro da cidade, pelo menos até a década de 1930, Fortunato Aranha também exerceu o papel de "principal leitor de todos os romances, de toda a infinidade de livros que enchiam aquelas enormes estantes da sua livraria, lendo sem cansar, ilustrando o espírito, alegrando a alma" (GUIMARÃES, 1952:86).

Como ambiente que aglutinava diversas obras literárias, era natural que a livraria de Fortunato se desenvolvesse como um “ponto de encontro da intelectualidade da época que prosavam ao lado de políticos, empresários e boêmio” (GUIMARÃES, 1952:85). A livraria Cosmopolita, como único estabelecimento de uma cidade que desenvolvia, de modo entusiasmático, a sua vida literária, consistiu em um dos principais centros de informações acerca das novidades da literatura local, nacional e internacional. Nesse ambiente, os homens

---

dos intendentess municipais de Natal, entre eles, a figura de Fortunato Aranha que chegou a ocupar o posto de administrador da cidade quatro vezes.

<sup>9</sup> Sobre as revistas, jornais e obras literárias comercializadas na livraria Cosmopolita tivemos conhecimento por meio de alguns anúncios identificados no jornal *A República*. Os anúncios a respeito de vendas de produções locais são datados, respectivamente, de: *A República*, 13 jan. 1898; *A República*, 08 ago. 1900; *A República*, 21 fev 1899; *A República*, 14 nov 1899 e *A República*, 05 mar. 1923. De produções oriundas do Rio de Janeiro são datados, respectivamente, de: *A República*, 10 jan. 1911; *A República*, 11 jun. 1911; os demais são datados de um anúncio de *A República*, 22 out. 1906.

de letras da cidade iam comprar ou assinar seus periódicos e obras literárias. A livraria era importante para as necessidades ligadas à informação. Podemos aferir ainda que, naturalmente, a livraria *Cosmopolita* tenha sido um espaço propício ao florescimento de discursos. Possivelmente, cada jornal adquirido ou cada obra comercializada propiciaria o desenvolvimento de diálogos e debates sobre as últimas literaturas publicadas na cidade ou sobre o conteúdo do último número de uma específica revista. Desse modo, a livraria *Cosmopolita* atuou como espaço que propiciou a existência de trocas agregando socialmente os literatos da cidade potiguar.

A análise da livraria *Cosmopolita*, e do seu livreiro, Fortunato Aranho, é essencial para discuti-se a dinâmica da vida literária na cidade de Natal por causa da função particular, e especial, que o livreiro ocupa. De acordo com Darnton, personagens como livreiros, tipógrafos, transportadores de livros, correspondem a agentes “pouco familiares” da história da literatura. Segundo o historiador francês, a velha história literária acaba concentrando sua pesquisa em segmentos demarcados pelo surgimento ora de grandes escritores, ora de grandes livros. Portanto, quando se pensa nesses agentes, seus estabelecimentos e como estes relacionam-se com a atividade literária na cidade, é optar por trabalhar uma concepção mais ampla de literatura, levando em conta homens e mulheres envolvidos em todas as atividades que tenham contato com as palavras (DARNTON, 2010:149). Desse modo, Fortunato Aranha assume a função de “intermediário cultural” mais importante por avaliar a oferta e a demanda de obras e periódicos literários “filtrando o fluxo da literatura” (DARNTON, 2010:159).

O segundo ambiente corresponde ao café *Magestic*. O *Magestic* foi fundado no ano de 1919, após a venda do bilhar Potiguarânia, de propriedade do literato Ezequiel Wanderley, para uma associação comercial compostas de outros escritores potiguares, entre eles, o consagrado literato Jorge Fernandes. Portanto, o café encontrava-se localizado no mesmo local do Potiguarânia: rua Ulisses Caldas, nº 101, no bairro da Cidade Alta. Em tempos de uma academia literária inexistente, o café *Magestic* era denominado e conhecido em local onde “se instalava a DIOCÉSIA<sup>10</sup>... instalava-se a verdadeira academia... a academia de

---

<sup>10</sup> Segundo o cronista, a palavra Diocésia tratava-se de uma casa de letras, de um ponto de reunião de literatos. O nome foi escolhido pelos fregueses para nomear o café, fazendo jus a “roda literária” que todo domingo e feriados alojava-se no sótão e abrigava as palestras literárias e histórias humorísticas. Para mais informações sobre o Café *Magestic*, consultar: GUIMARÃES, João Amorim. *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*. Natal: SCB/FHG, 1999.

letras, de patriotismo, de vibração, de folclore, de alegria, de intelectualidade” (GUIMARÃES, 2011, p. 157). O café era responsável por assim aglutinar “os mestres da nossa literatura e da nossa letra e os homens de poucos recursos nas letras<sup>11</sup>” (GUIMARÃES, 1952:156). No café Magestic

*sob o comando de Jorge Fernandes, reunia-se todas as noites, invariavelmente, uma falange vultosa, de artistas e boêmios, realizando magníficas tertúlias litero-musicais. Faziam-se discursos, a declamavam-se poemas, cantavam-se modinhas, tocavam-se melodias, últimos sucessos sonoros, improvisaram-se charges e sátiras e, às vezes, também sinapisava-se a pele e a vida alheia, embora não fosse muito usada essa última faceta. (WANDERLEY, 1984:149)*

O café era espaço de aprendizado e lições, como nos menciona o memorialista João Amorim Guimarães: “eu fui aluno dessa Academia, de cujas frequências iria colher as mais nobres lições, vazadas sobre todos os assuntos literários ou didáticos” (GUIMARÃES, 1952:157). Tanto as impressões de Jayme Wanderley, como de Amorim Guimarães revelam os ares de sociabilidade que envolviam o café *Magestic* nas noites de reunião dos escritores potiguares. Provavelmente, nesse ponto de congruência, os literatos eram unidos por meio de afinidades nascidas de diálogos e discussões acerca das produções e da literatura que vinha sendo produzida na cidade.

Em trechos de uma outra crônica, de autoria de Luís da Câmara Cascudo, identificamos o *Magestic* como “o bar da bebida, da classe média, da intelectualidade” (CASCUDO, 2002:26). Em “O grande ponto”, Luís da Câmara Cascudo contrapõe o grande ponto – outro espaço de sociabilidade existente na cidade localizado na esquina da Av. Rio Branco com a Rua Pedro Soares – com o café Magestic. O cronista potiguar, frequentador da

---

<sup>11</sup> Em seus relatos de memórias dos tempos do café Magestic, João Amorim Guimarães identifica os habitués, frequentadores, da academia de letras potiguar da Ulisses Caldas: Câmara Cascudo, Jorge Fernandes, Othoniel Menezes, Ezequiel Wanderlei, Professor Lucas Wanderlei, Evaristo de Souza, Edinor Avelino, Oliveira Júnior, Bezerra Júnior, Jaime Wanderlei, Abelardo Bezerra, José Wanderlei, Barrônio Guerra, Pedro Oscar, Renato Wanderlei, João Apolinário Barbosa, prof. Abel Furtado, Deolindo Linda, Sandoval Wanderlei, Francisco Bulhões, José Tabira, Carlos Siqueira, Francisco Leraistre, Teodorico Guilherme, (os humoristas) Pedro Lagreca, Aurélio Flávio, Carmelo Pignataro, Francisco Pignataro, João Gomes da Câmara, Luís Maranhão, Valdomiro Moreira Dias, Odorico Moreira Dias, José Barbosa (comerciante), Platão Wanderlei, Apolônio Seabra, Eurico Seabra, Francisco Dantas, Manoel Seabra, Elissósio Guimarães, Absalão Simonete, Rodolfo Maranhão, Capitão Estevam Antunes, Augusto Coelho, José Gomes, Antônio Fontes, João Galvão, Francisco Madureira e Pio Barreto. Quanto aos homens de poucos recursos nas letras, Guimarães menciona: “José Laurindo, José Barbosa (prático da barra), capitão Lustosa e Jorge Dantas.

“academia de letras da rua Ulisses Caldas” nas décadas de 1920 e 1930, contrapõe os dois ambientes falando do Grande Ponto e ressalta:

*Não era o lugar frequentado por meu grupo, que, nessa época, preferia o bar Majestique, antes chamado de Potiguarânia, o grande bar da minha geração, situado na rua Ulisses Caldas, e frequentado por jornalista, professores literatos.(...) A minha geração toda passou por lá: Othoniel Meneses, Jorge Fernandes, etc.;era o bar – o Majestique – de bebida, da classe média, da intelectualidade. O Grande Ponto, ao contrário, era um lugar de passagem, uma fixação puramente topográfica. (CASCUDO,2002:26)*

No relato de Luís da Câmara Cascudo podemos perceber o *Magestic* como espaço que passou a ser atribuído, valorosamente, por um determinado grupo de literatos da cidade de Natal. O cronista menciona ser o bar um ambiente frequentado por sua geração. O que podemos aferir nos relatos de Cascudo, bem como os de Jayme Wanderley e Amorim Guimarães, são as feições humanas desenvolvidas pelos frequentadores do café *Masgetic* ao ponto de seus “membros” identificarem o ambiente, destinado ao serviço de comidas e bebidas, como reduto de congruência dos jovens escritores potiguares das décadas de 1910,1920 e 1930. Podemos observar o *Magestic* como lugar, a partir da perspectiva do geógrafo humanista Yu Fu Tuan, uma vez que o espaço encontra-se ligado à feições humanas e transforma-se na medida em que é vivido (TUAN,.....), é experimentado por grupos de literatos tais como os de Luís da Câmara Cascudo.

Desse modo, quando dissertamos acerca desse espaço específico e das relações humanas mantidas nele, identificamos sensibilidades humanas envolvidas nesse ambiente – os *microclimas*, explicados a partir da abordagem da historiadora Rebecca Gontijo. No entanto, no caso do *Magestic*, se um espaço pode possibilitar reuniões que aglutinem um grupo ligado por feições de afinidade, trocas e compartilhamentos, o mesmo também pode possibilitar o desenvolvimento de outras sensibilidades como, por exemplo, a hostilidade.

A entrada no *Magestic* era gratuita, ou seja, o café estava aberto a todo e qualquer indivíduo ou grupo que assim desejasse adentrar o espaço localizado na Rua Ulisses Caldas. Contudo, no mesmo espaço, que até agora viemos analisando como ponto de congruência dos literatos da cidade do Natal na Primeira República, eram desenvolvidas relações de conflitos e feições hostis, sobretudo, para àqueles que não faziam parte do grupo que, todas as noites, ali reuniam-se. Portanto, era no espaço interior do café era que se realizava a seleção que acabava

por resultar em práticas barristas, excludentes, pouco amigas. Nas palavras do cronista Guimarães:

*se o freguês não covinham, pelas suas más qualidade, pela sua vida irregular, incompatível com o meio, teria logo a 'geladeira'. A "geladeira" foi a maior arma de defesa à parte moral e social do Magestic. Entrava o freguês, fazia o seu pedido, era atendido cortesmente, sem ser incomodado; mas se procurava conversar, se dava algum 'aparte' à conversa, ou se dirigisse a qualquer dos presentes seria atendido, apenas, por monossílabos, por 'sins' ou por 'não'. Aquele, já se sabia que não voltaria mais (GUIMARÃES, 1952:153).*

É plausível que as práticas excludentes estavam ligadas à identificação de grupos de intelectuais com determinados espaços, uma vez que os espaços de sociabilidades dos literatos contribuíam para a formação de identidade enquanto grupo, com características e peculiaridades entre si. Assim, as considerações de João Amorim Guimarães nos leva a perceber que ao mesmo tempo em que os espaços de sociabilidade serviam às afinidades e trocas, também reproduziam sentimentos invasivos. Essa perspectiva esclarece-nos que, ao falar de sociabilidade, não estamos falando, conseqüentemente, do desenvolvimento de sentimentos positivos como as afinidades e trocas possibilitadas por encontros nesses ambientes elencados.

## Conclusão

Os ambientes de sociabilidade foram identificados na cartografia da cidade potiguar, resultando em abordagens acerca dos locais onde os letrados viviam, se reuniam, debatiam seus textos e se encontravam para beber e se divertir, formando grupos dispersos pela cidade e com características próprias. As abordagens que foram discutidas permite-nos pensar o papel da cidade no abrigo desses ambientes frequentados pelos homens que se ocupavam das letras no Brasil republicano.

Tais espaços, de certa forma, nos remetem aos usos sociais da cidade. Revistas, livrarias, confeitarias, cafés, clubes, tipografias, salões: ambientes que foram apropriados por grupos específicos da sociedade e que suas condutas podem traduzir-se em termos espaciais, uma vez que um grupo social é capaz de dotar de sentido um lugar que só é inteligível para os membros desse grupo (LE PETIT, 2001:148).

A abordagem aqui realizada chama a atenção para outro aspecto no que correspondem aos espaços de sociabilidade intelectual: a existência de uma heterogeneidade na dinâmica da vida intelectual na cidade do Natal. A heterogeneidade também se faz presente quando demonstramos que os grupos de escritores que frequentavam ambientes como, por exemplo, o *Masgestic*, não era coeso. Percebemos os espaços de sociabilidade como lugares de afinidade, mas também de práticas invasivas entre grupos.

As abordagens da História dos intelectuais por meio do estudo das redes de sociabilidade existentes no espaço citadino privilegiam as condições sociais em que as obras são produzidas. Investigar as sociabilidades significa seguir as trajetórias de indivíduos e de grupos buscando mapear suas ideias, comportamentos e formas de organização, que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reuniões e de afirmação de identidades enquanto grupos que não podem ser deixados de lado pela perspectiva histórica.

O enfoque construído por esse artigo é um dos exemplos de estudos que articularam diferentes espaços e modos de atuação que contribuiriam para compor e dinamizar a vida de um grupo e de uma cidade. Na discussão das três produções elencados, percebemos como os espaços de sociabilidades intelectuais podem ser explorados por diferentes ângulos e comporem importantes perspectivas de abordagem para o campo da Historiografia – incluso aqui também os trabalhos no campo da História. Como palavras finais, lembramos que “entrar no mundo da sociabilidade é uma forma de encontrar a experiência dos indivíduos e de grupos em sua vida social na cidade” (GONTIJO, 2005:277). Trata-se, por fim, de propor uma investigação da História dos intelectuais que não parte de modelos prévios e nem teçam conclusões a partir de esquemas explicativos generalizantes.

### **Referências Bibliográficas**

- A República*, 13 jan. 1898.
- A República*, 21 fev 1899.
- A República*, 14 nov 1899.
- A República*, 08 ago. 1900.
- A República*, 22 out. 1906.
- A República*, 10 jan. 1911.

*A República*, 11 jun. 1911.

*A República*, 05 mar. 1923.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: a teoria da ação*. Campinas/SP: papyrus, 2011. 11 ed.

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Grande Ponto: IN: GARCIA, Eduardo Alexandre de Amorim. *Cantões, cocada, grande ponto – Djalma Maranhão*. Natal/RN: Galeria do Povo, 2002. P.26-27.

DARNTON, Robert. Os intermediários da cultura. In: \_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. IN: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GÔUVEA, Fátima S. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. Parte III: cultura política e sociabilidade. P. 259-284.

GUIMARÃES, João Amorim. *Natal do meu tempo: crônica da cidade do Natal*. Natal: SCB/FHG, 1999.

SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Belle Époque na esquina: o que se passou na República das Letras potiguar*. Natal/RN: Editora do autor, 2009.

LE PETIT, Bernard. É possível uma hermenêutica urbana? In: \_\_\_\_\_. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da USP, 2001. Cap. 5. P. 137-154.

MARINHO, Márcia. Clubes e cafés: espaço de sociabilidade das elites natalenses na Belle Époque. In: \_\_\_\_\_. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense*. Natal/RN: EDUFRN, 2011. Cap. 2.p. 69-116.

MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de ontem: figuras e fatos de minha geração*. Natal /RN: Sebo Vermelho, 2006.

ONOFRE JR., Manoel. Nossa Academia. In: \_\_\_\_\_. *Conversa na calçada*. Natal/RN: UFRN, 2011. P. 54-57.

SANTOS, Renato Marinho Brandão. *Natal, outra cidade!:* o papel da Intendência Municipal no desenvolvimento de uma nova ordem urbana (1904-1929). Dissertação elaborada no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003. 2 ed. P. 232 – 253.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

WANDERLEY, Jaime dos G. *É tempo de recordar*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1984.